



A ênfase na entrega de banda larga de fibra óptica prejudica a eficácia e o alcance de um programa federal criado para preencher a lacuna entre os que têm e os que não têm Internet, de acordo com um relatório divulgado terça-feira pela Fundação de Tecnologia da Informação e Inovação (ITIF).

O think tank tecnológico de Washington, [DC](#) sustentou que o programa de Equidade, Acesso e Implantação de Banda Larga (BEAD) está financeiramente ameaçado pela preferência por projetos de implantação que utilizam cabos de fibra óptica.

Apelou à administração Trump para reformar o BEAD para deixar de favorecer a fibra excessivamente cara, quando os satélites de baixa órbita terrestre (LEO) poderiam fazer o mesmo trabalho por menos.

Adotar uma abordagem tecnologicamente neutra para a implantação da banda larga pouparia dinheiro que poderia ser melhor gasto noutras causas da exclusão digital, argumentou no seu relatório de 11 páginas.

“Achamos que a neutralidade tecnológica teria feito sentido desde o início, mas certamente nos anos desde que a lei foi inicialmente adotada, muitos satélites foram lançados e houve muitas implantações fixas sem fio”, disse o Diretor de Espectro do ITIF. e Política de Banda Larga Joe Kane.

“Nós realmente não precisamos colocar fibra em todos os lugares se houver opções viáveis de satélite e sem fio fixas”, disse ele ao TechNewsWorld.

O que você vai ler:



- [Orientação sobre ultrapassagens tecnológicas](#)
- [Subfinanciado desde o início](#)
- [Solução de nicho?](#)
- [Sujo na política](#)

Orientação sobre ultrapassagens tecnológicas

A legislação que cria o BEAD foi aprovada há três anos e financiada no valor de 42,45 mil milhões de dólares. O programa tinha como objetivo ajudar as comunidades a superar a barreira dos altos custos iniciais de implantação de banda larga e fornecer serviço de Internet de alta velocidade a todos os americanos que o desejassem.

“Ficou claro que os avanços tecnológicos ultrapassaram as diretrizes regulatórias do programa”, escreveram Kane e o assistente de pesquisa Ellis Scherer no relatório. “A principal questão é que o BEAD não é tecnologicamente neutro”, continuaram. “A



Administração Nacional de Telecomunicações e Informações (NTIA) elaborou o programa para dar-lhe uma forte preferência pelo uso de cabos de fibra óptica caros. O resultado é que o dinheiro financia infra-estruturas mais caras do que o necessário, o que acabará por limitar o impacto do BEAD na redução da exclusão digital.”

A NTIA se recusou a comentar esta história.

De acordo com o relatório, os estados poderiam poupar dezenas de milhões de dólares nos seus esforços de implantação se o BEAD pudesse incorporar melhor tecnologias mais baratas, mas ainda assim de alto desempenho, como a banda larga fixa sem fios, como a Internet 5G, e o serviço de satélite. Essas poupanças poderiam então ser utilizadas para abordar as outras causas principais da exclusão digital, incluindo a [acessibilidade](#) dos preços para famílias de baixos rendimentos e a literacia digital, acrescentou.

“A mudança nas administrações pode ser um bom ponto de inflexão para fazer um balanço de onde estamos agora”, disse Kane. “O ecossistema de satélites é muito diferente do que era quando o presidente Biden assumiu o cargo. O mesmo pode ser dito do ecossistema sem fio fixo.”

Subfinanciado desde o início

Jim Dunstan, conselheiro geral da TechFreedom, um grupo de defesa da tecnologia em Washington, DC, afirmou que o BEAD tem sido subfinanciado desde a sua criação. “US\$ 42,5 bilhões não vão levar banda larga para todos, não importa qual tecnologia você use”, disse ele ao TechNewsWorld.

Ele acrescentou que a inflação aumentou dramaticamente desde a aprovação da legislação BEAD. “Isso torna ainda menos provável eliminar a exclusão digital com US\$ 42,5 bilhões”, disse ele.

No entanto, ele reconheceu: “Acho que a NTIA realmente errou o alvo ao acenar para a fibra”.

CXone
Mpower

One AI Platform.
Limitless Automation.

NICE

Power Up >

Embora a fibra seja cara, ela tem vantagens, além do desempenho, em relação às



tecnologias de satélite, rebateu Ry Marcattilio, diretor associado de pesquisa da Community Broadband Networks Initiative do Institute for Local Self-Reliance, uma organização sem fins lucrativos e grupo de defesa que fornece assistência técnica para comunidades sobre soluções locais para o desenvolvimento comunitário sustentável, com escritórios em Washington, DC, Portland, Maine e Minneapolis.

“A construção da fibra é certamente mais cara, mas resolve o problema num horizonte de tempo geometricamente mais longo do que os serviços de satélite LEO”, disse ele ao TechNewsWorld. “Esses satélites precisam ser substituídos a cada cinco anos.”

“Acho que esse argumento de que deveríamos construir infraestrutura de banda larga de uma ‘forma tecnologicamente neutra’ é uma receita para ter que gastar milhares de dólares a cada cinco anos na mesma casa repetidamente, em vez de usar fibra para o vasto maioria deles e resolver o problema uma vez por três ou quatro gerações consecutivas”, disse ele.

Solução de nicho?

Marcattilio afirmou que a Internet via satélite é uma boa solução de nicho para um pequeno número de famílias muito rurais. “Funciona bem como uma solução de nicho se você não se importa em transferir o fardo da inicialização e dos custos mensais para as famílias.”

“O serviço LEO funcionará bem para um pequeno número de famílias, e isso tem sido verdade desde o seu início”, acrescentou. “Acho que isso será verdade por um tempo, mas nunca será uma solução para o mercado de massa como todos gostaríamos que fosse.”

“Se entregássemos os 42,5 mil milhões de dólares aos fornecedores de satélite, seria possível fornecer banda larga a 100% dos americanos com bastante facilidade”, afirmou Dunstan. “O problema é: que tipo de serviço você pode extrair desses satélites?”

NICE

THE **STATE**
OF **CX**

5 insights
from the largest
CX dataset

Get the report >



Ele explicou que as redes de satélite afirmam poder suportar downloads de 100 Mbps e uploads de 20 Mbps. “O problema é quando você começa a adicionar pessoas ao serviço”, disse ele. “Você está compartilhando largura de banda. Em algum momento, mesmo com 6.000 satélites lá em cima, será difícil manter essa velocidade.”



Kane admitiu que o congestionamento poderia ser um problema para as redes de satélite, mas é menos preocupante para os usuários do BEAD. “O BEAD tem como alvo pessoas em locais rurais e remotos, locais onde a banda larga nunca foi implantada antes”, explicou ele.

“Nesses lugares, não haverá milhares de pessoas inscrevendo-se ao mesmo tempo”, continuou ele. “Estamos falando de áreas onde não há milhares de pessoas.”

Sujo na política

John Strand, da Strand Consulting, uma empresa de consultoria focada em telecomunicações globais com sede na Dinamarca, argumentou que a NTIA não deveria ter sido encarregada de administrar o programa. “Foi político desde o início”, disse ele ao TechNewsWorld. “A FCC deveria ter tido a responsabilidade. Tem experiência na [distribuição](#) de subsídios e fornece responsabilização bipartidária.”

Ele argumentou que o BEAD deveria ser tecnologicamente neutro, mas a NTIA colocou o polegar na balança a favor de soluções de fibra. “Isso ocorre porque as construções de fibra normalmente exigem mais mão de obra. Daí o envolvimento dos sindicatos, um eleitorado do Partido Democrata”, disse ele.

“As redes de fibra também se prestam ao fornecimento de quantidades crescentes de tráfego de entretenimento de vídeo e publicidade das plataformas Big Tech e Hollywood, úteis para outro eleitorado tradicional do Partido Democrata”, acrescentou.

Ele também observou que o BEAD tinha requisitos climáticos e DEI, que não eram bem-vindos nos estados vermelhos. “A NTIA impôs requisitos sobre o dinheiro que o Congresso não exigia”, acrescentou. “Isso fez com que o programa demorasse mais para ser administrado.”

“As tecnologias sem fio são, em geral, mais econômicas, mas nenhum tipo de rede é sempre a solução certa para cada situação”, explicou. “As redes são uma mistura de tecnologias.”

“Espero que Arielle Roth seja nomeada chefe da NTIA e prevejo que ela matará o BEAD ou o transformará em algo prático, não político ou aspiracional”, observou ele.